

C

CULTURA

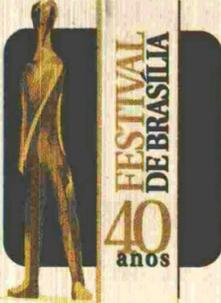
CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quinta-feira, 22 de novembro de 2007
 Editora: Clara Arréguy // clara.arreguy@correioweb.com.br
 Subeditores: Célia Curto, Mariana Ceratti,
 Natal Eustáquio, Sérgio Maggio e Teresa Albuquerque
 cultura@correioweb.com.br
 3214 1178 • 3214 1179



O BRASILIENSE BELMONTE NO CENTRO DE SÃO PAULO, COM OS ATORES MILHEM CORTAZ (E) E EUCIR DE SOUZA (D): "O FILME PRECISAVA DO CAOS URBANO, DA SOLIDÃO DA METRÓPOLE"

João Marcondes/Especial para o CB



JOSÉ EDUARDO BELMONTE REVELA COMO MEU MUNDO EM PERIGO, EM EXIBIÇÃO HOJE, NASCEU DE UMA CRISE PESSOAL

LACOS de família

BERNARDO SCARTEZINI
 ESPECIAL PARA O CORREIO

São Paulo — O mundo de José Eduardo Belmonte estava em perigo. Ou, pelo menos, a carreira. Esgotado depois do processo de *A concepção* (2005), seu segundo longa-metragem e prêmio de melhor montagem e trilha sonora no 38º Festival de Brasília, Belmonte não tinha perspectivas imediatas de continuar o trabalho como diretor de cinema. O projeto seguinte, ironicamente intitulado *Se nada mais der certo*, parecia-lhe muito ambicioso para ser feito na raça, na "guerrilha", como ele mesmo gosta de dizer. Ou seja, com baixo orçamento e alto espírito esportivo por parte dos envolvidos.

"No cinema nacional, se você não começa o próximo filme enquanto ainda está envolvido com o anterior, surge um hiato muito grande", explica Belmonte, 37 anos. "Todo o processo de *A concepção* me consumiu muito. E vi que ia demorar muito para *Se nada mais der certo* rolar, porque era um filme mais complexo, precisava realmente de dinheiro. Bateu um pânico."

Belmonte, então, lembrou-se de outro roteiro, já esboçado e guardado. Um roteiro mais simples, que permitia a filmagem "urgente" como a que seu autor necessitava. A tal história era *Meu mundo em perigo*, que sete meses depois tornou-se o terceiro longa de Belmonte. Será exibido hoje, na segunda noite da mostra competitiva em 35mm da 40ª edição do festival.

"Juntei um monte de maluco sem grana. Lembro que a (produtora) Alê Brasil veio para São Paulo sem um tostão no banco e montamos uma base no fundo de casa. *Meu mundo em perigo* surgiu assim, de repente, surgiu do pânico", completa Belmonte.

O terceiro longa também é o reencontro entre o diretor e São Paulo, seu estado natal. Nascido em São José dos Campos, José Eduardo Belmonte cresceu na capital federal, cursou cinema na Universidade de Brasília e entende-se como brasiliense, como artista brasiliense. Mas conta que precisava encontrar São Paulo novamente. Ele mudou-se para a megalópole ainda na época da finalização de *A concepção*. E este *Meu mundo...* foi todo rodado na cidade. Assim como ocorre agora com *Se nada mais der certo*, cujo projeto acabou aprovado pelo Ministério da Cultura no último edital de BO (baixo orçamento).

Belmonte interrompeu por alguns dias a filmagem de *Se nada mais der certo*, que tem Cauã Reymond e João Miguel no elenco. Afinal, a maior parte da equipe também trabalhou em *Meu mundo...* Estarão todos em Brasília para o festival. O time é meio paulistano, meio brasiliense, com profissionais como o diretor de fotografia André Lavenère e o diretor de arte Akira Goto.

Meu mundo..., no entanto, não se pretende o filme paulistano de José Eduardo Belmonte. Se *A concepção* era necessariamente brasiliense, o diretor pensa essa história como algo mais universal. "Sempre tive vontade de entender um pouco como funciona São Paulo. E o filme precisava desse caos urbano, dessa solidão de metrópole, que é bem diferente da solidão de Brasília."

A princípio, o longa é o encontro de três personagens. Elias acaba de perder a guarda do filho para a ex-mulher. Desnortado, atropela um homem e não pára para ajudá-lo. Fito, o filho do atropelado, parte em busca do atropelado. Elias acaba cruzando, por acaso, no meio da rua, com Ísis, bela garota. Seguindo a moça, descobre que está hospedada num hotel caído do centro de São Paulo. Num impulso, ele também se hospeda ali, no Novo Paramount, à Rua dos



Timbiras, coração de Santa Efigênia, numa região conhecida como Cracolândia por conta da barra-pesada ao redor.

O mistério e o fluxo

"Estou sempre fazendo filmes de família", percebe Belmonte. "Depois que fui pai, então, essa questão ficou mais presente. Lembro que algumas pessoas achavam moralista o final de *A concepção*, final em família, e eles projetavam na cabeça um final feliz. Mas nunca achei a família um lugar cômodo. É uma célula explosiva, muito tensa. E eu queria fazer um filme sobre isso também: a família é onde tudo acontece, para o mal e para o bem. É onde boa parte dos traumas acontece, boa parte dos recalques acontece... Não é apenas a felicidade."

A história de Belmonte, que incluiu na trilha sonora canções de Caetano Veloso (*It's a long way*) e Tom Zé (*Senhor cidadão*), era enriquecida a cada dia pelo trabalho dos atores: Eucir de Souza como Elias, Milhem Cortaz como Fito e Rosanne Mulholland como Ísis. O dramaturgo Mário Bortolotto estava sempre por perto, a postos, burilando o roteiro, tratando de amarrar a história um pouco mais a cada noite, acolhendo as colaborações dos atores que surgiam durante a filmagem.

Milhem Cortaz foi conhecendo Fito aos poucos. "O Zé sempre me colocou um mistério. Eu não sabia muito bem o que era o filme. Mesmo no roteiro, que a gente leu na primeira vez, ainda faltava muita coisa", conta o ator, que havia feito *A concepção* com Belmonte e está em cartaz em *Tropa de elite*. "Não construí nada, deixei o Zé me levar. Assim, ele me trouxe a fragilidade que meu personagem sentia, que era a minha fragilidade como artista de não saber o que estava fazendo."

Egresso do teatro, Eucir de Souza explica como funciona esse método Belmonte. "Ele respeita muito o trabalho do ator. 'Segue o fluxo', ele repete para a gente. Porque ele tem uma cena na cabeça, mas se você na hora sentir outro caminho, ele está aberto para tentar." Nada a surpreender Rosanne, lançada por Belmonte com o curta *Dez dias felizes* (2002), que também participou de *A concepção*. "Foi ele quem me moldou", admite a atriz, protagonista de *Falsa loira*, de Carlos Reichenbach, também na competição. "Tento não pensar muito, tento ser mais sensorial. Seguir o fluxo é seguir o instinto. Às vezes, uma cena é ensaiada de um jeito, mas na hora ele muda de idéia. É uma direção que parece meio louca, mas ele sabe exatamente onde quer chegar. Ele sabe o que faz sentido dentro do filme."

Porque o guerrilheiro Belmonte se permitiu improvisar no front. Com a preciosa ajuda da tecnologia digital, HDV, ele pôde filmar com duas câmeras e assumir o tempo de seus atores, mesmo que o resultado fosse uma cena de 20 minutos. "Cada momento de um filme tem de ser o mais verdadeiro e autêntico do mundo. O momento vai acontecendo, você não o constrói. Falo aqui contigo e não sei o que vai acontecer, vai acontecendo, às vezes titubeio, às vezes não sei o que estou falando, às vezes dá um branco... A vida é um pouco assim. E é esse fluxo que dá humanidade ao filme. Se você está no fluxo, se está dentro da essência, nada vai estar errado. Pode estar chovendo ou não, o ator pode estar com vontade de rir ou não, porque não importa, a essência da cena estará preservada. É isso que vai dar a dinâmica, a naturalidade. É um risco. Às vezes, não dá certo. Mas é maravilhoso quando dá certo."

LEIA MAIS SOBRE O FESTIVAL NAS PÁGINAS 3 E 9

Arte:Valdo Virgo/Especial para o CB sobre fotos:André Lavenère/Divulgação